COMO FUNCIONA A CABEÇA DE UM TRADUTOR?

João Paulo Tavares Esperança

COMO FUNCIONA A CABEÇA DE UM TRADUTOR?
JOÃO PAULO TAVARES ESPERANÇA

Como funciona a cabeça de um tradutor?

Como funciona a cabeça de um tradutor?

João Paulo Tavares Esperança

Como funciona a cabeça de um tradutor?[i]

Achei que podia ser interessante tentar mostrar como funciona a cabeça de um tradutor. Como é que um tradutor escolhe traduzir determinada expressão ou frase de uma forma e não de outra? Há muitos fatores envolvidos, umas opções são conscientes mas quase automáticas, outras são produto de uma longa reflexão (às vezes andamos dias a pensar como traduzir uma só palavra), e outras são inconscientes. Vou tentar entreabrir a porta para dar um vislumbre de como se desenrolam estes processos.

Começo por explicar porque é que, apesar de trabalhar sozinho na tradução técnica, costumo sempre trabalhar em equipa ao fazer tradução literária. A culpa é do “arroz nu”. Toda a gente já ouviu pessoas que não são de Oe-Cusse a brincar

com quem é de lá, dizendo que eles se referem ao “arroz branco” como “arroz nu” ao falarem em tétum. Isso é uma coisa normal em quem aprende um idioma como língua segunda, em que há sempre alguma influência da sua própria língua materna. Pois eu, tal como os timorenses de Oe-Cusse da anedota, não tenho o tétum como língua materna, por isso, para evitar coisas como o “arroz nu”, acho que obtemos um resultado muito melhor trabalhando em equipa.

Vou falar aqui principalmente de tradução literária. A maior parte da tradução que faço é tradução técnica, mas a tradução literária é muito mais interessante, ainda que também seja muito mais difícil porque implica traduzir também culturas e contextos.

Quando decidi traduzir *A Fada Oriana* [ii], de Sophia de Mello Breyner Andresen, a primeira questão com que nos deparámos na tradução foi «como é que vamos traduzir “fada”»? No universo das

criaturas imaginárias de Timor-Leste temos a pontiana, que também é muito bonita, mas a pontiana é sempre descrita como nefasta. A Oriana é uma criatura sobrenatural que protege a natureza e os seres humanos – aqui temos os *rain-na'in*, que são normalmente descritos como espíritos da natureza, e que podem proteger os humanos, mas também podem causar-lhes malefícios se não forem respeitados ou apaziguados. No livro de Sophia há uma distinção clara, logo no início, entre fadas boas que fazem o bem e fadas más que fazem o mal. Além disso, no universo da Oriana as fadas são todas femininas e com aspeto humano, e têm asas. As suas caraterísticas não correspondem às de um *rain-na'in* da tradição timorense. Acabámos por decidir manter a palavra portuguesa "fada", como uma criatura sobrenatural que não pertence ao universo cultural timorense. Da mesma maneira que num texto publicado em Portugal sobre criaturas do imaginário timorense iríamos manter a

palavra "pontiana", ainda que esta seja desconhecida para os portugueses de lá.

E esta é uma das questões centrais da tradução literária: tentamos fazer com que o texto se adapte ao contexto cultural da língua de chegada, ou escrevendo na língua de chegada tentamos manter bem claro que o contexto é estrangeiro? A resposta, como muitas outras coisas na tradução, é: depende.

Quando traduzimos o *Gigante Karak-teen* [iii], de Oscar Wilde, havia uma parte em que ele tinha ido visitar o seu amigo Ogre da Cornualha. Há uma única ocorrência da palavra "ogre" no texto, e o ogre não interfere em nada do resto da história, não há ações ou caraterísticas específicas do ogre que tenham de ser levadas em conta durante o desenvolvimento do resto do enredo. Ora, o que é um ogre? A resposta que muitas crianças em Timor poderão identificar é: uma criatura como o Shrek, o boneco verde dos desenhos animados da DreamWorks

Pictures. Mas se tivéssemos usado a palavra “ogre”, com uma nota de rodapé a explicar que era uma criatura imaginária como o Shrek, estaríamos a desviar a atenção da criança leitora para outra história, com um personagem ogre que começa por ser ranzinza, mas que cedo percebemos que é acima de tudo um incompreendido com bom coração. No *Gigante Karak-teen,* o Gigante, que é o personagem principal, redime-se da sua malvadez inicial, mas, como o ogre não volta a ser mencionado, fica implícito que este mantém as caraterísticas de ogre. De acordo com o Dicionário da Academia das Ciências[iv], um ogre é um «*ente fantástico, gigante feroz dos contos de fadas que se alimenta de carne humana e de que os adultos falam para intimidar as crianças*». Portanto, acabámos por substituir o Ogre por um Duruhui, que também é um monstro que mete medo. Quando traduzimos para tétum um capítulo do livro de Pepetela *Lueji – O Nascimento de um Império*, num trecho em que um

personagem explicava a importância de deixar de acreditar nalgumas crenças tradicionais e de passar a ter um espírito científico, mantivemos o nome dos monstros angolanos, "*oma-kisi*", e acrescentámos entre parênteses "*duruhui*". Neste texto falava-se de cultura tradicional angolana, por isso achámos que os monstros especificamente angolanos deviam ser referidos e não apenas substituídos por monstros timorenses.

Há obras em que criaturas sobrenaturais têm um papel muito mais importante no enredo, e um excelente exemplo é a série de livros Harry Potter, da escritora J.K. Rowling. Os livros já foram traduzidos para 85 idiomas e nas línguas todas em que estão publicados já venderam mais de 600 milhões de exemplares [v]. O último livro da série, *Harry Potter and the Deathly Hallows* (no Brasil, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, e em Portugal, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*), bateu todos os recordes ao vender

15 milhões de exemplares em todo o mundo nas primeiras 24 horas após o lançamento [vi]. No ano passado alguém vendeu um exemplar da primeira edição do primeiro livro da série, *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, publicada em 1997, por 55.000 libras inglesas, que corresponde, mais ou menos, a 69.000 US$ [vii]. Todo este entusiamo pela leitura passou ao lado de Timor-Leste, infelizmente. Aqui muito pouca gente leu os livros da série. Aqui muito pouca gente lê, quaisquer que sejam os livros. Mas há timorenses que são fãs de Harry Potter porque viram os filmes, por isso alguns dos jovens presentes na sala poderão saber do que estou a falar.

No universo de Harry Potter também há uns monstros grandes chamados *trolls*, que são criaturas imaginárias originalmente da mitologia nórdica (da Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia e Islândia) que causam confusão e destruição. Por causa deles é que

apareceu a expressão *Internet trolls* para as pessoas que vão para as redes sociais insultar os outros ou tentar suprimir o debate.

Como é que os tradutores lidaram com os *trolls* em diferentes línguas? Prestemos atenção à última frase do capítulo X do primeiro livro da série:

Na tradução em turco, de Ülkü Tamer, um *troll* é um *ifrit*, que é um tipo de demónio da tradição da Turquia e de outros países muçulmanos;

na tradução do Harry Potter em latim, de Peter Needham, um *troll* é um *trollum*;

na tradução em francês, de Jean-François Ménard, um *troll* é um *troll*;

na tradução em sueco, de Lena Fries-Gedin, um *troll* é um *troll*, ou um *bergatroll*, quando se refere especificamente a um *troll* das montanhas;

na tradução em alemão, de Klaus Fritz, um *troll* é um *Troll*, ou um *Bergtroll*, também no caso específico de um *troll* das montanhas;

na tradução em holandês, de Wiebe Buddingh', um *troll* é um *trol*, ou um *bergtrol*;

na tradução em esloveno, de Jakob J. Kenda, um *troll* é um *trol*;

na tradução em esperanto, de George Baker e Don Harlow, um *troll* é um *trolo*;

na tradução em polaco, de Andrzej Polkowski, *troll* é *troll* ou *trollem* ou *trolla,* devido às regras morfológicas desta língua;

na tradução em indonésio, de Listiana Srisanti, um *troll* é um *troll*;

na tradução em italiano, de Marina Astrologo, um *troll* é um *troll*;

na tradução em espanhol, de Alicia Dellepiane, um troll é um *trol*;

na tradução em galego, de Marilar Aleixandre, um *troll* é um *troll*;

na tradução em português de Portugal, de Isabel Fraga, um *troll* é um *troll*…

mas na tradução em português do Brasil, de Lia Wyler, um *troll* é um trasgo!

Ora, um trasgo é uma figura mitológica da tradição europeia, de sítios como Portugal, e daí pode ter sido transportada para o Brasil, mas os trasgos são «seres fantásticos, rebeldes, de pequena estatura, usam gorro vermelho e são dotados de poderes sobrenaturais»[viii]. No livro do Harry Potter uma das coisas que caracterizava o *troll* era precisamente a sua enorme estatura, de mais de três metros.

Algumas escolhas do tradutor não são verdadeiramente opções, são imposições das editoras, particularmente em livros com o volume de vendas do Harry Potter. Uma área em que isso

acontece é a dos nomes das personagens, que nesta série têm frequentemente algum significado ou envolvem algum jogo de palavras: pode ser exigido aos tradutores que não tentem manter esses jogo de palavras nos nomes, de forma que estes se mantenham iguais em diferentes línguas, facilitando assim a comercialização de bonecos e muitos outros tipos de mercadoria produzidos para venda à escala mundial. A tradutora do Harry Potter para galego, Marilar Aleixandre, por exemplo, queixa-se de imposições destas [ix]. Já a tradutora Isabel Fraga, que traduziu em Portugal vários dos livros, incluindo o primeiro, diz que ficou ao critério dela decidir se os nomes eram traduzidos ou não[x].

Na tradução, e em especial na tradução literária, as coisas não são como na matemática, onde 2+2 são sempre 4. O nome do desporto preferido do mundo do Harry Potter é "*quidditch*" e há depois também toda a terminologia específica do

jogo, e tudo isto são palavras inventadas pela escritora. Como fazer na tradução? A meu ver são igualmente defensáveis as opções da tradutora portuguesa, que decidiu manter a palavra "*quidditch*" e todos os outros termos do jogo com as palavras originais[xi], e as opções da tradutora brasileira, que decidiu traduzir tudo, criando também ela palavras novas para o português, começando logo com "quadribol" para o nome do desporto dos feiticeiros, e que em relação a isto fez um excelente trabalho, e muito criativo. Eu poderia ter tomado qualquer uma destas duas opções sem sentir que estava a fazer algo de errado. No entanto, a tradutora brasileira, Lia Wyler, faz algumas opções que eu nunca faria se estivesse no lugar dela.

Uma delas é apontada por Leonardo Freitas de Souza Martins em *Uma crítica de tradução: Harry Potter e A Pedra Filosofal no Brasil*:

Outro exemplo de incoerência na opção de tradução se reflete nos trechos abaixo em relação à escolha da tradutora de alterar o modo como Harry chama Hagrid, por seu primeiro nome: “–Me chame de *Rúbeo*, é como todos me chamam. […]” (ROWLING, 2000, p. 41)”. O texto em inglês traz a utilização do sobrenome: “'Call me *Hagrid*,' he said, 'everyone does. […]'” (ROWLING, 2014, p. 53).

A escolha da tradutora de utilizar o primeiro nome de Hagrid nessa fala transformou-o em um mentiroso na versão brasileira, visto que McGonagall (ROWLING, 2000, p. 16), Dumbledore (ROWLING, 2000, p. 16) e Tom, o atendente do bar Caldeirão Furado (ROWLING, 2000, p. 54), apenas para citar alguns exemplos, chamam-no de *Hagrid*, não de *Rúbeo*. Até ele mesmo refere-se a si mesmo dessa forma, mesmo em um bilhete para Harry:

Prezado Harry, dizia, numa letra muito garranchosa. / *Sei que tem as tardes de sexta-feira livres, então será que não gostaria de vir tomar uma xícara de chá comigo por volta das três horas? Quero saber como foi a sua primeira semana. Mande-nos uma resposta pela Edwiges. /*

Hagrid. (ROWLING, 2000, p. 102, grifos no original) [xii]

Outra foi em relação ao sotaque deste personagem Hagrid. Hagrid é um dos personagens preferidos dos fãs, tem um coração de ouro, é um dos melhores amigos dos protagonistas, e está sempre do lado dos bons, mas fala nos livros originais em inglês com sotaque do West Country (que é a zona onde a própria autora cresceu), uma variedade do inglês considerada rural e menos sofisticada. Lia Wyler escolheu pôr Hagrid a falar como todos os outros personagens. Vejamos a justificação que ela deu:

«*Houve algumas razões para não procurar recriar um sotaque para Hagrid. A primeira é que o primeiro livro foi escrito para crianças entre nove e doze anos, um período da vida em que estão se cristalizando em suas cabeças os preconceitos e as maneiras de expressá-los.*

As pessoas que falam "errado" não fazem isso porque querem e não gostam de ver seus "erros" imitados. Os livros não foram traduzidos apenas para as classes mais abastadas que têm a possibilidade de freqüentar bons colégios, mas também para as crianças e jovens pobres que fazem filas nas bibliotecas para ler Harry Potter.»[xiii]

Ou seja, a tradutora brasileira resolveu que a autora estava errada e que a tradutora é que sabia como é que o personagem devia realmente ser.

Há uns vinte anos cotraduzi para tétum um conto de um escritor regional de Trás-os-Montes, que havia na biblioteca do Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões, que tinha um personagem a falar com marcas do sotaque das pessoas da montanha daquela zona de Portugal. O que fizemos na tradução foi tentar pô-lo a falar com sotaque de Maubisse[xiv]. Nunca chegámos a publicar a tradução porque não conseguimos contactar na altura o escritor ou a editora para pedir

autorização (por isso é que agora tenho optado por traduzir textos que já estão em domínio público em Timor-Leste por o autor ter morrido há mais de 50 anos[xv]). Mas se eu traduzisse o Harry Potter para tétum, provavelmente colocaria o Hagrid a falar com sotaque de Maubisse, a trocar pês e efes.

Já agora, a tradutora portuguesa optou por marcar apenas graficamente que Hagrid falava de forma que não correspondia à das variedades urbanas de prestígio: colocou apóstrofos a substituir vogais pelo meio das palavras. Na verdade isso é o que toda a gente faz ao falar português europeu, por isso na versão portuguesa Hagrid fala no padrão, mas é discriminado na transcrição, que no caso dele é mais próxima da oralidade do que nos outros personagens. Se eu tivesse feito a tradução para português, talvez colocasse o Hagrid a falar como eu: sem vês, a dizer "*binho*" e "*biba*".

Outra área com potencial para polémica é o uso de neologismos ainda não assumidos pelo povo. Em Portugal, quando surgiu o futebol, importado da Inglaterra, houve autores que achavam um crime contra a Pátria as pessoas dizerem "futebol" e propunham que se dissesse antes "pedibola". O povo deixou o "pedibola" morrer e o empréstimo lexical "futebol" está vivo até agora. Aqui também temos linguistas e escritores que inventam palavras novas para o tétum. Mas o facto de eles inventarem um termo, e até o colocarem num dicionário, não significa que essa palavra esteja viva ou que tenha necessariamente possibilidades de vir a estar. Nós usámos, p.ex. "*makfa'an*", para "vendedor", no *Anjo Timor nian*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, que é uma palavra que aparece nos dicionários de Geoffrey Hull e INL [xvi], mas que ninguém usa ao falar tétum-praça. A lógica disso foi experimentar usar a palavra, e ver se o povo pega nela e a faz viver.

Há, porém, riscos quando isso não é feito com peso, conta e medida. Creio que foi em 2004 que houve um projeto apoiado pelo PNUD de formação de tradutores e intérpretes para o sistema de justiça, e os assessores deles tentaram criar neologismos para esta área. Lembro-me de ter dito a um amigo que estava a trabalhar no projeto que eles se arriscavam a formar intérpretes que iriam usar no Tribunal palavras que nem o juiz, nem o procurador, nem o advogado, nem o arguido, nem o público conheciam, e a única pessoa na sala a saber o que aquele termo queria dizer seria o próprio intérprete.

Outro perigo em que incorrem alguns tradutores é o de quererem ser puristas demais ou de acharem que só o tétum-téric é que tem dignidade, e que o tétum-praça que o povo fala, que todos nós falamos, tem uma qualidade inferior. Lembro-me de um cultor do tétum-téric, o saudoso Sr. Armindo Tilman, ter vindo fazer uma palestra na UNTL quando eu era

lá professor. Ele sabia imenso sobre o tétum-téric e foi neste idioma que proferiu a sua palestra, misturando ainda neologismos que ele próprio tinha criado, e o tema era precisamente a defesa da superior qualidade do tétum-téric. O problema é que o público não entendeu metade do que ele disse. Quer pela pouca familiaridade da maioria dos falantes de tétum-praça com algumas das variantes específicas dos dialetos do tétum-téric, quer pelas palavras que ele tinha inventado e só ele próprio é que conhecia. Depois da palestra houve uma sessão de perguntas e respostas e, naturalmente, o público fez as perguntas em tétum-praça e ele respondeu em tétum-praça, para que o compreendessem. Mas o Sr. Armindo Tilman teve um grande sucesso noutro aspeto, que foi ter sido, numa gramática que publicou quando eu ainda estava em Portugal [xvii], o inventor da ideia de usar um prefixo *da__* para criar números ordinais para o tétum. Há quarenta anos não havia ninguém que dissesse «*Sira hala'o sira-nia*

reunião daruak.», as pessoas nesse tempo diziam «*Sira hala'o sira-nia reunião ba dala rua.*» ou «*Sira hala'o sira-nia segunda reunião.*», ou alguns usavam o empréstimo lexical indonésio "*kedua*". O próprio Geoffrey Hull, mentor do INL, que não os usava na primeira edição do seu *Mai Kolia Tetun* (em 1993)[xviii], já os usava na terceira edição (de 1999), na forma proposta por Armindo Tilman[xix]. Geoffrey Hull posteriormente fez mais alterações, substituindo o prefixo *da__* por um circunfixo *da___k* para a transformação em ordinais dos cardinais terminados em vogal, como podemos ver na quarta edição do mesmo manual de tétum, em 2003[xx]. Esta última inovação foi a que foi promovida pelo INL, mas ninguém pode tirar ao Sr. Armindo Tilman o mérito de ter sido a primeira pessoa a propor uma forma de criação de números ordinais acrescentando um *da__* antes. Os ordinais são um exemplo de neologismos introduzidos recentemente na língua

tétum com bastante sucesso. Mas isso nem sempre acontece.

O meu apelo a que os tradutores evitem o exagero no recurso ao tétum-téric não significa que eu seja contra a utilização de vocábulos próprios das variedades de tétum de Soibada, Viqueque, Alas, Suai, etc; parece-me, pelo contrário, que podem aumentar as possibilidades expressivas do tétum-praça, só que precisamos de equilíbrio e de dosear a inclusão destas palavras, que a maioria dos falantes não conhece, para que não se tornem um obstáculo à comunicação. Nós usámos, deliberadamente, o termo "*hamolan*" na tradução do *Liurai-Oan Ki'ik* [xxi], de Antoine de Saint-Exupéry, para "*avalait*", com o significado de "engolir sem mastigar", apesar de na altura só ter encontrado a palavra no dicionário de Luís Costa[xxii] e de nunca ter ouvido ninguém usá-la. Mas o contexto em que "*hamolan*" aparece não é ambíguo, pode deduzir-se o que significará[xxiii]. E colocando este vocábulo a

circular na comunidade de falantes pode ser que ele se venha a tornar habitual um dia. Ou não.

Ainda em relação à tradução d*O Principezinho* para tétum, houve uma vez alguém que me perguntou porque não substituímos as searas de trigo do original por "*natar hare nian*", as várzeas de néli, para tornar a história mais próxima dos leitores timorenses. A verdade é que pensámos nisso, mas acabámos por optar por manter o trigo por causa deste excerto:

«*Tu vois, là-bas, les champs de blé ? Je ne mange pas de pain. Le blé pour moi est inutile.*»

Em português: «Vês, lá ao fundo, as searas de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil.»

Na nossa tradução ficou: «*Ó haree, iha-ne'ebá, natar trigu nian? Ha'u la han paun. Trigu mai ha'u la vale buat ida.*»

A raposa diz isto ao Principezinho quando lhe está a explicar coisas muito importantes sobre a amizade e a saudade, e esta referência é por a cor do trigo no campo lhe fazer lembrar o cabelo loiro dele. E não pode ser arroz porque não é com arroz que os falantes de tétum fazem pão.

Muitas vezes ando com exemplares de algum livro em tétum, dos que traduzi, e vou oferecendo a crianças com que me cruzo nalguma atividade ou conversa, principalmente quando vou para a montanha. Às vezes tento testar a compreensão delas do texto traduzido, e o resultado costuma ser que elas não têm problemas em perceber as frases e o vocabulário corriqueiro, mas revelam grande falta de cultura geral, e mesmo de referências culturais que seria de esperar que tivessem adquirido na catequese, como as referentes à ocupação romana de Israel no tempo de Jesus e Pôncio Pilatos. Notei isso, por exemplo, com o *Milagre*

Kmo'ok [xxiv], de Eça de Queirós. Parece-me que uma forma de tentar responder a essa dificuldade é fazer traduções anotadas cheias de explicações à margem. É um dos meus projetos para o futuro. Não para o presente, porque eu faço estas traduções literárias nos meus tempos livres e sem ganhar qualquer dinheiro com elas, e o tempo não dá para tudo…

Espero que esta breve reflexão tenha permitido mostrar, principalmente a todos estes jovens estudantes universitários aqui presentes, um bocadinho do que é o trabalho de um tradutor literário.

---

[i] Este texto foi originalmente preparado para uma tertúlia com o tema "Escrever em Português", organizada pelo Parlamento Nacional de Timor-Leste no dia 8 de maio, no Salão Nobre do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Língua Portuguesa em 2024. Devido às limitações de tempo naturais nestes eventos, acabou por ser apresentado só parcialmente, mas fica aqui disponível na íntegra para quem se interessar pelo assunto. A tertúlia contou com um

público constituído principalmente por turmas de estudantes universitários de várias instituições do ensino superior e os oradores, convidados a falar sobre o seu processo de escrita e/ou tradução, foram Kay Rala Xanana Gusmão, Mara Bernardes de Sá, Sofia Santos, Vicente Paulino e João Paulo Esperança.

[ii] ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - **A FADA ORIANA - edição bilingue em português e tétum (traduzida por João Paulo T. Esperança e Emília Almeida de Araújo)**. Lisboa : Assembleia da República de Portugal - Divisão de Edições, 2010. ISBN 978-972-556-547-6.

[iii] WILDE, Oscar - **Gigante Karak-teen (traduzido por João Paulo T. Esperança, Nélia Cristina Correia dos Santos, João Fernando Correia Esperança e Ulisses Correia Esperança)** [Em linha]. Jun. 2020. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:https://archive.org/details/gigante-karak-teen-wilde/mode/2up>.

[iv] "ogre", *in* **Dicionário da Língua Portuguesa. Academia das Ciências de Lisboa**. Disponível em https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/ogre [consultado em 08/05/2024]

[v] **Scholastic Marks 25 Year Anniversary of The Publication Of J.K. Rowling's Harry Potter and the Sorcerer's Stone | Scholastic Media Room** [Em linha]. 6 Fev. 2023. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW:

<URL:https://mediaroom.scholastic.com/press-release/scholastic-marks-25-year-anniversary-publication-jk-rowling-s-harry-potter-and-sorcere>.

«(...)The Harry Potter series has sold over 600 million copies worldwide in 85 languages, been listened to as audiobooks for over one billion hours, and been made into eight blockbuster films. The seventh book, Harry Potter and the Deathly Hallows, sold 8.3 million copies in the first 24 hours in the U.S. breaking all publishing records (set by previously published Harry Potter titles) (...)».

[vi] **Fastest selling book-Harry Potter final book set world record** [Em linha]. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:https://www.worldrecordacademy.com/business/fastest_selling_book_world_record_set_by_harry_potter_new_book_70663.htm>.

« [*July 23] New York, US -- The final instalment in the Harry Potter series has set a new record as the world's fastest-selling book.»*

Harry Potter and the Deathly Hallows - the seventh and last novel in the series - sold around 15 million copies worldwide in its first day and set the new world record for the fastest selling book.»

[vii] CHASAN, Aliza - **Harry Potter first edition found in bargain bin sells for $69,000 at auction** [Em linha]. 11 Dez. 2023. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW:

<URL:https://www.cbsnews.com/news/harry-potter-first-edition-found-in-bargain-bin-sells-for-69000-at-auction/>.

[viii] **Letras & Letras** [Em linha]. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen102.htm>.

No mesmo texto, explica-se um pouco mais sobre os trasgos: «*E o que é, afinal, o "trasgo" na memória oral transmontana? O escritor di-lo nesta obra (pág. 24): é uma figurinha rebelde que aparece "a fazer judiarias às pessoas, partindo louça, arrastando os móveis, atirando pedras aos vidros, espalhando a cinza, despejando os sacos das nozes..." E diz também que, segundo as antigas crenças religiosas, são pequenas "almas penadas", isto é, "meninos que morreram sem serem baptizados e cujo 'espírito' regressa depois às casas onde viveram, ou então para junto de antigos familiares" e que ninguém os pode levar a mal "pois, tendo morrido enquanto crianças, também não têm culpa por não terem sido baptizados".*»

[ix] ALEIXANDRE, Marilar - Samain versus Halloween, cultura e mercancías: nomes na tradución de Harry Potter. In **Actas do I Congreso Internacional de Onomástica Galega "Frei Martín Sarmiento"** [Em linha]. Santiago de Compostela : Asociación Galega de Onomástica, 2007. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW:

<URL:https://publicacions.academia.gal/index.php/rag/catalog/book/279>.

[x] **Harry Potter ficou desatualizado? "Talvez estejamos a perder a magia"** [Em linha]. 26 Jun. 2017. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:https://expresso.pt/cultura/2017-06-26-Harry-Potter-ficou-desatualizado--Talvez-estejamos-a-perder-a-magia>.

[xi] Provavelmente pesou na decisão da tradutora portuguesa o facto de a percentagem de crianças que falam inglês ser em Portugal muito superior à do Brasil.

[xii] MARTINS, Leonardo Freitas de Souza - **UMA CRÍTICA DE TRADUÇÃO:: HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL NO BRASIL | Belas Infiéis** [Em linha]. 30 Dez. 2016. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11398>.

[xiii] FORTUNATO, Ederli - **Omelete entrevista: Lia Wyler, a tradutora de Harry Potter** [Em linha]. 28 Nov. 2003. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <URL:https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter>.

[xiv] Quando cheguei a Timor-Leste era comum ouvir-se as pessoas contarem anedotas sobre pessoas de Maubisse (como lá em Portugal se contam anedotas de alentejanos e no Brasil se contam

anedotas de portugueses), e tentando imitar o sotaque da região ao falar tétum. Ultimamente tem havido alguma tendência para tornar as pessoas de Ermera protagonistas das anedotas...

[xv] Artigo 119.º da Lei N.º 14 / 2022, de 21 de Dezembro - Código do Direito de Autor e Direitos Conexos: «O direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 50 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.»

[xvi] Instituto Nacional de Linguística, sediado na UNTL, a universidade nacional pública. O INL é a instituição à qual foi atribuída oficialmente a responsabilidade de padronização e desenvolvimento do tétum, o que faz em concordância com o disposto nos textos publicados pelo Professor Geoffrey Hull, mas em discordância com a Resolução n.º 20/2011 do Parlamento Nacional.

[xvii] TILMAN, Armindo Costa - **Matadalan Nosi Tetun Timór Lian**. Lisboa : Edição do autor, 1996.

Na página 45 inclui:

«Uluk 1º.

Darua 2º.

Datolu 3º.

Dahat 4º.

Dalima 5º.

Danen	6º.
Dahitu	7º.
Daualu	8º.
Dasia	9º.
Dasanulu	10º.
Dasanulu ida	11º.
Daruanulu	20º.
Datolunulu	30º.»

[xviii] HULL, Geoffrey - **Mai kolia Tetun: A course in Tetum-Praça the lingua Franca of East Timor**. North Sydney: Australian Catholic Relief, 1993. 297 p. ISBN 0646150715.

[xix] HULL, Geoffrey - **Mai kolia Tetun: A course in Tetum-Praça the lingua Franca of East Timor**. 3.ª ed. North Sydney, N.S.W., Australia: Caritas Australia, 1999. 345 p. ISBN 0646150715.

Na página 155 inclui:

«***Uma tolu uluk ne'e.***	The first three houses.
(...)	
darua	second
datolu	third
dahaat	fourth
dalima	fifth
daneen	sixth

dahitu	seventh
daualu	eighth
dasia	ninth
dasanulu	tenth
dasanulu-resin-sia	ninetieth
daruanulu	twentieth
dahitunulu	seventieth
daatus	hundredth
daatus lima	hundred and fifth
daatus ualu	eight hundredth
darihun	thousandth.»

[xx] HULL, Geoffrey - **Mai kolia Tetun: A course in Tetum-Praça the lingua Franca of East Timor**. 4.ª ed. Winston Hills, N.S.W., Australia: Sebastião Aparício da Silva Project, 2003. 345 p.

Na página 149 inclui:

«The other ordinals (second, third, fourth, etc.) are formed in literary Tetum by modifying cardinal numerals ending in a vowel with the circunfix **da__k**, and cardinal numerals ending in a consonant with the prefix **da-** (**dah-**):

daruak	second
datoluk	third
dahaat	fourth
dalimak	fifth

daneen	sixth
dahituk	seventh
daualuk	eighth
dasiak	ninth
dasanuluk	tenth
dasanulu-resin-siak	ninetieth
daruanuluk	twentieth
dahitunuluk	seventieth
dahatus	hundredth
dahatus limak	hundred and fifth
dahatus ualuk	eight hundredth
darihun	thousandth

In literary Tetum 'first' is **dahuluk** and 'last' is **dahikus**.»

[xxi] SAINT-EXUPÉRY, Antoine de – **Liurai-Oan Ki'ik (traduzido por João Paulo Esperança, Triana Corte-Real de Oliveira & Emília Almeida de Araújo).** Díli: Timor Aid & SUL - Associação de Cooperação para o Desenvolvimento, 2010. ISBN 978-989-20-1910-9.

[xxii] COSTA, Luís - **Dicionário de Tétum-Português**. Lisboa : Edições Colibri, 2000. ISBN 9789727722600.

[xxiii] Fizemos a tradução do "*Le Petit Prince*" para tétum-praça há muitos anos e desde então nunca

ouvi um único timorense usar a palavra "*hamolan*". Isso não significa que Luís Costa a tenha inventado, é possível que seja usada regionalmente, e eu nunca fiz recolhas dialetológicas sistemáticas sobre isso. Mas tenho ouvido falantes de variedades do tétum-téric usarem outro termo com o mesmo significado: "*folan*", que também foi dicionarizado por Luís Costa, como sinónimo. Porém, boa parte dos falantes de tétum-praça atualmente ainda não conhece o vocábulo "*folan*".

Consultei a terceira edição do dicionário de tétum-inglês de Geoffrey Hull (já em associação com o INL) e inclui "*hamolan*" e "*folan*", como sinónimos [**HULL, Geoffrey - Standard Tetum English Dictionary**. 3.ª ed. [S.l.] : Allen & Unwin Pty., Limited (Australia), 2002. 416 p. ISBN 9781865085999].

[xxiv] QUEIRÓS, Eça de – **Milagre Kmo'ok (traduzido por João Paulo T. Esperança e Denávia Nerissa Correia dos Santos)** [Em linha]. Abril 2024. [Consult. 8 Maio 2024]. Disponível em WWW: <https://archive.org/details/layout-milagre-kmook/mode/2up >.